



A
ENTREVISTA
de
EMPREGO

Até onde está disposta a chegar para conseguir o emprego?

JUVENÁLIA DA COSTA

Copyright © 2021 Juvenália Da Costa Todos os direitos reservados.

Capa: Juvenália Da Costa

Correio eletrônico

Jc20creations@gmail.com

DEDICATÓRIA

Dedico este conto ao grupo do whatsapp arte & cultura.

Aviso importante

O texto apresenta expressões pertencentes a um nível de língua informal e poderá estar incorrecto num registo formal.

Ler é viajar sem sair do
lugar...

Seja bem-vindo ao meu
barquinho.

Boa leitura.

A ENTREVISTA DE EMPREGO

Naiole discou mais uma vez para o número do anúncio do jornal e sem sucesso, praguejou todas as redes telefónicas do país.

Pousou o telefone sobre a cama e deixou-se deitar nela igualmente.

– Ligaram-te para àquela entrevista de emprego? -A Mãe entrou no quarto sem bater na porta como de costume.

– Mãe? De novo a entrar assim sem bater na porta? A mãe assustou-me! – Naiole não disfarçou a má disposição e irritação por novamente ser questionada sobre o bendito emprego.

Já se tinham passado dois anos desde que terminou a faculdade, no curso de Gestão e Governação Ambiental, pela Uan (Universidade Agostinho Neto). Era a quinta filha de oito irmãos. A mãe era uma humilde comerciante de roupas de fardo. O pai, um operário do Jumbo, alcoólatra e um péssimo exemplo para os filhos.

– Já comeste alguma coisa pelo menos? Estou preocupada contigo Naiô. Como correu a entrevista?

– Mãe! Podemos não falar sobre isso agora? Estou cansada disso, não sei o que fazer. Em todas essas empresas pedem experiência de trabalho. Onde é que eu vou encontrar essa experiência se eles não dão uma única oportunidade?

A Mãe sentou-se junto a Naiole e apertou-lhe a mão dizendo-lhe:

– Eu sei que não é fácil, filha. Tens que orar mais. Pedir a Deus pelo teu emprego. Domingo vamos ainda para a igreja. Há quanto tempo é que não vens connosco para a igreja?

– Mãe! Não, não tem nada a ver com isso. Deus sabe que eu preciso do emprego e nessa igreja só falam de feitiço e eu não tenho cabeça para isso.

– Que feitiço que quê? Eles são profetas de Deus e tudo que falam acontece. Lembras-te quando o profeta falou que terias muito dinheiro e que casarias com um branco? Espera, vais ver que isso vai se cumprir.

– Mãe! Tu ainda acreditas nisso? -Naiole pôs-se a rir de tal forma que desapareceu aquele olhar de tristeza.

– Quem ri por último ri melhor. Vou ver a minha panela. -A Mãe ia saindo do quarto quando Naiole perguntou com a mão junto à barriga.

– Estás a cozinhar o quê, Mãe?

– Estou a aproveitar as folhas que a tia Vivi trouxe ontem para fazer a mengueleca. Falando nisso, preciso de ajuda para pisar a quizaca, já pedi o pilão da vizinha Ju. Sai já desse quarto!

– Já vou, mãe.

Algumas semanas mais tarde...

Depois de muitas tentativas, Naiole encontrou finalmente uma empresa ligada ao seu ramo de formação que estava a contratar uma secretária executiva e não pediam experiência de emprego. Apenas frequência universitária, idade entre os dezoito a vinte e cinco anos e boa aparência.

Quando ligou teve a sorte de ser atendida pelo diretor da empresa, e esse se mostrou interessado no perfil ditado pela jovem Naiole e marcou uma entrevista prontamente.

– Conheces o Hotel Costa Sul? Fica aqui em Talatona por trás da casa dos frescos.

– Não conheço o Hotel Senhor João Nunes, mas a casa dos frescos sim.

– Se conheceres a casa dos frescos, então chegarás facilmente. A empresa está em frente ao hotel, estou hospedado aqui por uns dias antes de voltar para Portugal. É melhor que te apresses porque posso estar em reunião com o comité do distrito de Cacunzo.

– Está bem Senhor João Nunes. Muito obrigada pela oportunidade.

– Não diga besteiras, menina. O prazer é todo meu. Até já.

Foi um pouco difícil para Naiole achar a empresa e o hotel, porque morava em São Paulo e raramente subia para aqueles lados, mas para não perder mais uma vez uma oportunidade de trabalhar, preferiu mentir que conhecia bem a zona. Teve sorte que as pessoas a quem pediu informação foram gentis e sinceras fazendo com que conseguisse chegar dez minutos antes da hora marcada.

– Bom dia, eu vim para uma entrevista de emprego.

– Bom dia moça. Com o chefe Nunes? – O segurança olhou para Naiole com certo desdém, reparando-a de cima a baixo.

– Sim. – Naiole sentiu-se um pouco incomodada e invadida com aquele olhar do senhor. Apertou a pasta junto ao corpo erguendo o pescoço para encará-lo.

- Bilhete de identidade?
- Está aqui. -Entregou-lhe apressadamente.
- A moça é muito bonita. -Disse o segurança com a cabeça baixa.
- Muito obrigada. Respondeu um pouco desconfortável.
- Toma, o senhor Nunes está em uma reunião no zoom agora, pede que suba para aguardá-lo no quarto trinta e três.
- Como assim no quarto? Eu vim para uma entrevista de emprego.
- Eu sei moça. Mas é lá onde ele recebe as candidatas.
- As candidatas? - Perguntou admirada.
- Moça, o meu trabalho é indicar o caminho, eu nem devia falar mais do que isso. Desculpa.
- Então eu nem devia estar aqui. Vou-me embora.
- Por favor, não vá. Se a moça não subir eu posso perder o meu emprego.
- O que tem neste quarto trinta e três?
- Eu também não sei. A única coisa que sei é que o chefe Nunes é um bom camarada. Os outros brancos que trabalham aqui são ignorantes, passam e nem um vai à merda num gajo. São agarrados e pensam que mandam no nosso próprio país.
- Tens a certeza?
- Sim, ele é diferente. Está sempre a viajar e raramente aparece por aqui, só quando...

– Quando o quê? Naiole perguntou atentamente.

O segurança foi finalmente salvo pelo tom do toque de mensagem do telefone da Naiole que leu, atenta.

“Está atrasada. Daqui a pouco saio para outra reunião”.

– Como eu faço para chegar a este tal quarto? Vou perder a minha entrevista.

– É fácil moça, vai até ao elevador, aperta no número três, terceiro andar. Quando saíres do elevador curva a direita e vais ver o quarto trinta três lá no fundo.

– Está bem, obrigada. -Naiole já nem ligou a conversa com o porteiro, estava apenas com a cabeça ligada na entrevista, e no bendito emprego.

Quando chegou à porta trinta e três, não precisou bater, ela abriu automaticamente. Entrou devagarinho ainda meio hesitante, reparava em tudo, o quarto era castanho, com um piso confortável e as paredes castanhas e brancas. O espaço era amplo, parecia mais uma casa do que um quarto de hotel. Viu o computador sobre uma secretária e alguns papéis sobre ela, aquilo a deixou mais calma naquele momento. Procurava pelo Senhor Nunes por todo o canto, mas nem um sinal dele. Talvez tivesse ido para a casa de banho. Então encostou-se sobre o sofá branco de couro e deixou-se sentar nele, fechou as pernas e encolheu o corpo tapando-se com a pasta.

– Olá Naiole. Já te puseste à vontade?

Naiole levantou rapidamente, assustada com a presença do Senhor Nunes.

– Calma, pode sentar-se. – O senhor Nunes aproximou-se dela delineando cada parte daquele corpo escultural. Que por muito que tentasse tapar com a pasta, era incapaz de esconder tamanhas pernas e bunda que fazia curva sem que se movesse sequer. – Sou João Figueira Nunes. Muito gosto em vê-la. Quer beber alguma coisa?

– Não, obrigada senhor.

– Se vamos trabalhar juntos, devias esquecer o senhor. O senhor fica lá no céu, pode tratar-me por João.

– Está bem Senhor João.

João Nunes sorriu para a jovem Naiole com um encanto desenfreado, que negra era aquela que lhe calhou à sorte? Podia cheirar a inocência da jovem a milhas de distância. As perguntas que atormentavam a cabeça de Naiole podiam ver-se naqueles olhos grossos e escuros como o loengo maduro.

– Então Naiole? Fala-me um pouco sobre ti. Decidiu procurar um assunto que deixasse a moça mais confortável, porque o que tinha em mente era bem mais interessante do que aquela conversa.

– Bem, Eu... – Respirou fundo e continuou:

– Sou formada em gestão e governação ambiental desde 2019, fiz cursos de secretariado, informática, Inglês e Francês...

– Ah, falas Inglês e Francês fluente? Interessante.

– Sim, embora não pratique muito, sei comunicar-me muito bem.

– Cada vez mais interessante. – Falou com malícia no olhar deixando Naiole pouco à vontade novamente. – Tem filhos ou marido, vives com quem?

– Não tenho filhos nem marido. Moro em casa dos meus pais.

– Estou surpreso. Conheço poucas mulheres sem filhos na tua idade aqui em Angola. Namorado?

– Também não tenho.

– Ótimo. Para este trabalho, muitas vezes as minhas secretárias têm que acompanhar-me nas minhas viagens de negócios. O que estás disposta a fazer para ficar com esta vaga? Decidiu ir direto ao ponto.

– Espero poder contribuir para o desenvolvimento da empresa e...

Enquanto ouvia a resposta sem sentido da jovem Naiole, João Nunes dava voltas pelo espaço procurando achar uma forma mais direta de fazê-la entender para que raios estavam ali.

Não entendia como nem por quê, mas aquela menina o deixava sem palavras, sem saber como começar um assunto que sempre o fazia sem rodeios.

De repente João Nunes sentou-se e em meio à confusão de pensamentos e sentimentos disse-lhe:

– Gosto de ti menina Naiole... e quero muito que trabalhes para mim. Podes aproximar-te? João Nunes olhava para Naiole com receio, medo e excitação ao mesmo tempo. Estava a ser impossível controlar aquele instinto predador e o desejo de ver Naiole nua como imaginou desde que entrou por aquela porta. Ela aproximou-se e de joelhos encarou o João Nunes que tinha os olhos incendiados de desejo de possuí-la.

– Pega nele, vai. – João Nunes abriu o fecho da calça exibindo a sua ereção para Naiole que não dizia uma só palavra, apenas o semblante triste e a boca entreaberta que aumentava mais a excitação de Nunes.

Ele segurou a mão de Naiole delicadamente e a fez massagear o seu membro duro, tornando-o assim mais grosso e quente. – Chupa-me... Implorou com a voz entrecortada.

– Não... consigo.

– Se tu queres mesmo esse emprego, precisas chupar a minha pila agora mesmo porra. Foi rude com ela, porque precisou ser.

Ela levantou-se

– Se realmente me quisesse, não precisava se rebaixar a tanto. Quem pensa que é para ...

– Calma menina! Nem com aquele jeito felino o seu membro baixou. O seu membro o surpreendeu naquele

momento, sabia que queria prová-la, saboreá-la e deleitar-se daquele rabo quente e provocante. Não sabia como dizer-lhe para que gritasse apenas com ele molhadinho na boca dela.

– Ele não resiste a ti, olha como ainda está duro.

Naiole molhou os próprios lábios em uma lambida descontrolada. Ver aquele pau branco, duro e grosso excitava-a de tal forma que a deixava assustada. Nunca tinha provado nem visto um pênis tão perfeito e limpo como aquele, a cabeça brilhava em tons avermelhados e como um íman, chamava-a para perto dele.

Claro que queria o emprego, mas também tinha dignidade e caráter. Foder por dinheiro ou quer que fosse não fazia parte do seu jeito de ser. Quando ia virar-se para pegar a pasta e ir-se embora, sentiu João Nunes abraçando-a pelas costas e abaixando-se para lhe lambe o rabo.

João encontrou a peça íntima molhada e sorriu feliz para ela, Naiole não mais protestou e então por segundos viu-se deitada no sofá de costas para baixo e João já estava chupando-lhe e sugando-lhe àquela zona por inteiro.

O barulho das unhas cravadas no sofá de couro e gemidos de Naiole ecoava pelo quarto inteiro. João não perdeu mais tempo e entrou nela como uma broca perfuradora acelerando o ritmo do vai e vem.

– Gostosa e quentinha para caralho... -Gritou João Nunes enquanto despejava seu gozo quente sobre a barriga dela. – O emprego é seu!

FIM

PAY IF YOU LIKE

A escrita é uma maneira de apreender a realidade interna do ser-no-mundo assim como o seu contexto histórico e social. Para isso, há que se ter uma apreensão estética e um sentimento de empatia com a humanidade. Quando escrevo, mergulho no mais profundo dos meus pensamentos e sentimentos. Vivo cada momento, cada detalhe, como se pudesse realmente entender cada personagem descrita.

Dessa arte, que tanto amo e entrego-me de corpo e alma, não ganho o meu alimento, mas me contento por saber que alguém a consome. Porque a minha arte, é tão importante quanto as outras, julgo ser tão importante quanto a música, a pintura, bandas desenhadas e outras.

Como apoio à toda arte disponibilizada gratuitamente, a **PAY IF YOU LIKE**, traduzida como **“PAGUE SE VOCÊ GOSTAR”** surge como um meio-termo entre artistas e consumidores. Você não precisa de viver insatisfeito por ter comprado um trabalho ou producto de baixa qualidade, igualmente não pode deixar de apoiar e incentivar os artistas do seu país que se dedicam nesta e outras artes, tanto de dentro como de fora.

Não há preço nem exigências, esses modelos podem eliminar o medo de um produto valer um determinado preço definido e o risco relacionado de decepção. Pague apenas o que estiver ao seu alcance porque nenhum dinheiro dado de boa intenção será pouco, e na ausência de apoio financeiro, você estará a ajudar o artista a ir mais longe, partilhando com pessoas que podem pagar pelo consumo, ou então apoiar com entrevistas na rádio, televisão ou outros meios de visibilidade para a voz do artista ecoar pelo país e pelo mundo.

Você só precisa parabenizar os artistas pela qualidade e incentivá-los a serem melhores nos próximos trabalhos. Apoie a arte nacional e pague pelo que gosta.

CHAMO-ME JUVENÁLIA
DA COSTA, SOU
FORMADA EM
ENGENHARIA DE
PETRÓLEO.

DEDICO-ME A ESCREVER
LIVROS POR SER
APAIXONADA PELA
ARTE.

AGRADEÇO A VOCÊ POR
TER LIDO MAIS UMA
HISTÓRIA AQUI.

PAGUE SE
GOSTAR E LIGUE SE
PUDE AJUDAR!



Contacto: 924 432 671

Conta: 104573824 10 001

IBAN: AO06.0040.0000.0457.3824.1019.6